

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 9, número 2 (2018)
ISSN: 2177-2886

Artigo
Les-Online

L-Tour, L-Town? Uma Viagem aos Lugares Lésbicos de Bruxelas¹

*L-Tour, L-Town? Un Viaje a los Lugares
Lesbianos de Bruselas*

*L-Tour, L-Town? Walking Through Lesbians'
Spaces and History in Brussels*

Cecilia Nessi

University of Milan Bicocca - Itália
c.nessi1@campus.unimib.it

Marian Lens

Investigadora Independiente - Bélgica
lensmarian@yahoo.fr

Como citar este artigo:

NESSI, Cecilia. *L-Tour, L-Town? Uma Viagem aos
Lugares Lésbicos de Bruxelas*. **Revista Latino
Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 153-
172, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

L-Tour, L-Town? Uma Viagem aos Lugares Lésbicos de Bruxelas

L-Tour, L-Town? Un Viaje a los Lugares Lesbianos de Bruselas

L-Tour, L-Town? Walking Through Lesbians' Spaces and History in Brussels

Resumo

“Onde estão as lésbicas?” Baseado na observação de que as mulheres lésbicas são frequentemente invisíveis tanto da história quanto do espaço público, este artigo explora sua presença através da história e do espaço. Um L-tour é uma experiência pela cidade de Bruxelas, Bélgica, que permite os participantes descobrir essa capital da Europa sob diferentes olhares. Este artigo convida as leitoras a caminhar virtualmente com as autoras desde a década de 1970 à atualidade, explorando histórias oficiais e não oficiais, que fizeram e fazem as lésbicas existirem e se fazerem presentes como sujeitos históricos e políticos.

Palavras-Chave: História Lésbica; Bruxelas; 'herstory'; Visibilidade Lésbica; Lesbofobia; Arquivos Feministas.

Resumen

"¿Dónde están las lesbianas?" Basado en la observación de que las mujeres lesbianas son a menudo invisibles tanto de la historia y del espacio público, este artículo explora su presencia a través de la historia y el espacio. Un L-tour es una experiencia por la ciudad de Bruselas, Bélgica, que permite a los participantes descubrir esa capital de Europa bajo diferentes miradas. Este artículo invita a las lectoras a caminar virtualmente con las autoras desde la década de 1970 a la actualidad, explorando historias oficiales y no oficiales, que hicieron y hacen que las lesbianas existan y se hagan presentes como sujetos históricos y políticos.

Palabras-Clave: Historia Lesbiana; Bruselas; 'herstory'; Visibilidad Lesbiana; Lesbofobia; Archivos Feministas.

Abstract

"Where are the lesbians?". Based on the remark that lesbian women are often too invisible both in the history and in the public spaces, this paper explore their presence through history and space. An L-tour is an experience through the city of Brussels, Belgium, that allows the participants to discover this European capital under different eyes. This article invites the readers to virtually walk with the authors through the 1970s until today, exploring official and unofficial stories that made and make lesbians existing and being present as historical and political subjects.

Keywords: Lesbian History; Brussels; 'herstory'; Lesbian Visibility. Lesbophobia; Feminist Archives.

"Um lugar no mapa é também um lugar na história"
(RICH, 1987)

Introdução

Le Gate, o último bar lésbico em Bruxelas fechou suas portas em 2003. Assim, faz 15 anos que essa cidade, capital de um pequeno país no coração da Europa e também considerada capital da União Europeia, não possui mais nenhum espaço de encontro propriamente lésbico – embora os bares gays pareçam estar indo muito bem. Este fenômeno não é particularidade da Bélgica e foi constatado em outros países ocidentais, especialmente EUA e Reino Unido (JD SAMSON, 2009, CAMPKIN; MARSHALL, 2016). Muitas foram as explicações apresentadas para esse fenômeno: ele seria, de um lado, o resultado das disparidades econômicas entre homens e mulheres e da gentrificação das populações mais marginalizadas que tornaria um certo grupo de lésbicas – pobres, racializadas, não-padrão – menos 'rentáveis' que os homens gays para atividades com um propósito (não somente, mas também) comercial. Uma outra hipótese enfatiza uma diferença de socialização entre gays-homens e lésbicas-mulheres, particularmente em termos de sexualidade, acentuada pelo processo de integração ou homonormalização: as lésbicas teriam tendência a estar em casa e a criar famílias tradicionais com maior frequência e consequentemente sairiam menos no meio LGBT a procura de parceiras sexuais em comparação com a população gay. Uma terceira chave de leitura recai, no entanto, sobre uma diferença identitária das novas gerações que, ao se identificarem cada vez mais enquanto pessoas trans*, bissexuais e *queers*, estariam mais propensas a frequentar lugares '*queer*' e mistos que lugares lésbicos tradicionalmente não mistos (STEIN, 2010; JD SAMSON, 2009).

Enquanto este debate permanece aberto, tanto em uma escala local quanto global, em Bruxelas algumas lésbicas sentiram a necessidade de contrariar tal tendência e preencher os vazios criando espaços de encontro, tanto concretos quanto virtuais, por vezes efêmeros, para reunir-se, conhecer-se e para trocar a sua história (*herstory*). O conceito político de '*herstory*', retomado pela associação *L-Tour*, cuja iniciativa está no cerne deste artigo, nasceu no contexto anglo-saxão durante os anos 1970, criado por lésbicas e feministas com objetivo de fazer referência especificamente à história das mulheres e das lésbicas, ocultadas da história geral. O termo *Herstory* brinca com a palavra *history* na qual 'his' refere-se ao masculino na língua inglesa: ao feminilizar a palavra, tornamos visível a categoria minorizada e ocultada 'das mulheres' da história dominante 'dos homens' e mostramos, ao mesmo tempo, que nenhuma história é neutra. Ao contrário, ela fala de relações de poder em voga em determinado momento.

Este artigo se apoia sobre as experiências e o trabalho de duas autoras que vêm de gerações e origens diferentes, com objetivo de valorizar um 'outro' olhar – focado inicialmente em nossas próprias realidades lésbicas na cidade.

1 Tradução do francês: Maria Helena Lenzi e Anna Carolina Horstmann Amorim. Revisão: Luciana Moreira.

Nós nos propusemos retratar uma história e geografia lésbica de Bruxelas que revela passados e futuros pouco ou nada levados em conta, e que constituem a matéria necessária para imaginar nossos presentes e para nos imaginarmos de uma maneira diferente.

A primeira parte do artigo retrata a história do movimento lésbico belga a partir dos anos 1950 e busca dar uma ideia do contexto inicial ao mesmo tempo em que traz à luz as tensões com o movimento gay de um lado e com o movimento feminista de outro. Na segunda parte, discutimos a emergência de uma subjetividade lésbica e a escolha pela não-mixidade feita por diversos grupos nos anos 1980-2000. O que resta destas experiências hoje? Na terceira parte especificamos o *L-Tour* lésbico, um dos percursos organizados pela associação lésbica de mesmo nome que ancora na geografia da cidade eventos e personagens históricos de uma Bruxelas bastante lésbica. A última parte é consagrada aos espaços lésbicos existentes atualmente para concluir com uma proposição de leitura do desaparecimento destes espaços menos voltada para as causas e mais direcionada às consequências de tal desaparecimento, tomados então como um fenômeno capaz, entre outros, de engendrar diferentes estratégias de solidariedade e de resistência. Este é um trabalho de memória e arquivo de uma história costumeiramente 'esquecida' e raramente valorizada. Nestas páginas decidimos levar as leitoras, os leitores e outros² para um *L-Tour* virtual, com propósito de contribuir para a criação de uma memória partilhada que seja mais inclusiva das minorias e assim proporcionar uma reflexão crítica dos lugares e modalidades de expressão ocidentais das subjetividades lésbicas nos nossos dias.

Bélgica, um Movimento LGBT que se Institucionaliza

Bruxelas é a capital da Bélgica, um pequeno país do norte da Europa com 11.267.910 habitantes (Registro Nacional, em 1 de janeiro 2016). Faz fronteira com Luxemburgo, Alemanha, França e Holanda, cultural e linguisticamente se situa entre estes dois últimos. Bruxelas é também uma entidade federativa em um Estado Federal que conta com três regiões autônomas: a região de Bruxelas-capital, a única bilingue Francês-Neerlandês; o Flandres, no norte, que é neerlandófono; a Walônia, ao sul, que é francófona. Considerada capital da Europa, em razão da presença de instituições como o Parlamento Europeu e a Comissão Europeia, essa cidade é, de fato, trilingue. O Inglês é utilizado não somente pelos numerosos e numerosas funcionários/as europeus/ias, e de outras instituições internacionais como a OTAN; é também a língua franca entre a comunidade flamenga e francófona.

Esse país é considerado frequentemente um paraíso dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT). De fato, foi o segundo país, após a Holanda, a introduzir o casamento para pessoas do mesmo sexo em 2003 (que é acessível também para as pessoas estrangeiras se uma dentre o casal reside na Bélgica). A adoção por famílias homo parentais, bem como por pessoas

2 Com intenção de encontrar uma linguagem menos binária, parafraseamos aqui o incipit de Paul Preciado "Senhoras, senhores e os outros" em seu artigo "Carta de um homem trans ao antigo regime sexual" publicado em 16 de janeiro de 2018 no jornal Libération, cotidiano francês.

LGBT solteiras, é legal desde 2006 e existe uma lei antidiscriminação ligada à orientação sexual; o sistema nacional de saúde possibilidade acesso público às tecnologias reprodutivas para inseminação artificial com doadores anônimos (EECKHOUT; PATERNOTTE, 2011, p. 1061). Muito recentemente, em 2017, uma modificação da lei de 2007 – proposta pelas associações LGBTQI+ Genres Pluriels, RainbowHouse de Bruxelas e Tels Quels – trouxe uma parcial despatologização das identidades trans³. Ademais, os Ministérios da Igualdade de Oportunidades das diferentes entidades federativas apoiam ativamente e financiam a ação das associações LGBT. Além disso, em termos de representação, na Bélgica foi eleito o primeiro chefe de governo abertamente homossexual – após a primeira-ministra islandesa lésbica Jóhanna Sigurdardóttir – Elio Di Rupo, socialista francófono de origem italiana, que ficou no cargo entre 2011 e 2014 (LENS, 2017). No mesmo período, outros ministros eleitos se declararam gays e um policial gay de Anvers, uma cidade do norte de Flandres, tornou-se chefe da polícia em 2012 (BORGHS, 2016, p. 30).

Ainda em termos de representação, as mídias – notadamente da parte flamenga – tenderam a 'tratar das questões sexuais de uma forma explícita' (EECKHOUT; PATERNOTTE, 2011, p. 1061), o que contribuiu para familiarizar o grande público com as questões LGBT. Já em 1964, por exemplo, falava-se de homossexualidade em Penelope, um programa flamengo – embora tenha sido em um episódio consagrado às perversões. Dois anos mais tarde, um programa inteiro, Diagnóstico de ser diferente (BORGHS, 2016, p. 34), novamente flamengo, foi dedicado à questão e pela primeira vez pessoas homossexuais foram convidadas a participar.

Pela primeira difusão de uma emissão consagrada às lésbicas, foi necessário esperar praticamente 20 anos, em 28 de outubro de 1980, na Revista F da RTBF (canal de rádio e televisão francófono) – que custaria a carreira de Eliana Morissens, professora entrevistada na emissão (KAUFER, 2016). Esses avanços legais e culturais foram resultados combinados de um contexto sociopolítico favorável e de um movimento LGBT iniciado já nos anos 1950 com "forças modestas, mas com a ausência de uma oposição bem organizada" (EECKHOUT; PATERNOTTE, 2011, p. 1066). Na Bélgica não há registro de movimentos anti-gay massivos, como é o caso da França com a *Manif Pour Tous*, ou da Itália com o *Sentinelle in Piedi e o Family Day* (GARBAGNOLI; PREARO, 2017). Existe ainda uma outra especificidade belga: a divisão linguística. Cada região desenvolve uma identidade própria. Assim, em Flandres, ao norte, em 1977 é criada a Federação dos Grupos de Trabalho sobre a Homossexualidade (FWH). Ela vai tornar-se a *Holebifederatie* (Federação de Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais), transformada em 2009 em Çavaria para incluir as questões relativas à identidade e expressão de gênero. Segundo Borghs (2016, p. 32), Çavaria é atualmente uma das maiores associações LGBT na Europa. Quanto à Bruxelas, ela é a região cosmopolita do país, com 34,6% da população residente de nacionalidade estrangeira, em 2016 (LAFLEUR; MARFOUK 2017, p. 35). Uma especificidade que uma parte cada vez mais importante das associações LGBTQI+ quer preservar, para

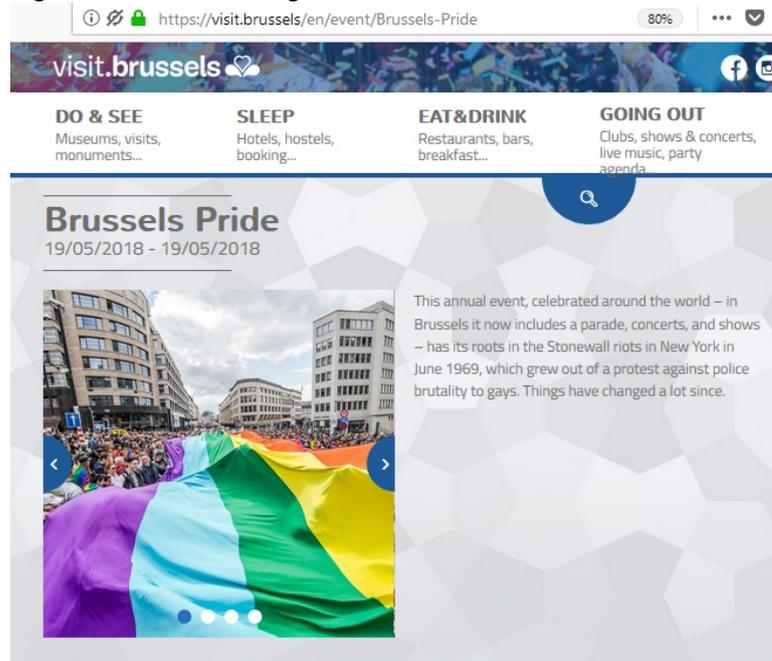
3 Disponível em: <https://bit.ly/2C9n8Xb>. Acesso em: 21 jan. 2018.

L-Tour, L-Town? Uma Viagem aos Lugares Lésbicos de Bruxelas

melhor representar e enriquecer, apesar das dificuldades e das divergências de opinião e de escolhas políticas.

Ao mesmo tempo, a história se mede pela institucionalização de uma parte do movimento. Assim como a *Çavaria*, a *RainbowHouse* – casa das associações LGBTI de Bruxelas – beneficia-se do financiamento e apoio do governo. O centro de turismo da cidade, *Visit Brussels*, é co-produtor do *Brussels Pride* desde 2012 (RTBF, 2015), como se pode ver na Figura 1.

Figura 1 - A Parada do Orgulho no site de turismo da cidade



Fonte: RTBF

Como veremos a seguir, a institucionalização e a mercantilização do movimento criaram espaços diferenciados, às vezes menos politizados e ligados à vida noturna da cidade.

A Emergência das Subjetividades Lésbicas, entre Misoginia e Lesbofobia, e a Escolha dos Espaços Autônomos

Outra especificidade desse país é o fato de a primeira organização homossexual ter sido fundada em 1953 por iniciativa de uma mulher, Suzanne De Pues (1998), conhecida sob o pseudônimo de Suzan Daniel (Figura 2).

Figura 2 - Suzan Daniel



Suzanne De Pues en Bart Hellinck (Brussel, 3 mei 1997), foto: Monique.

Fonte: Fundo Suzan Daniel, 1998

Cecilia Nessi, Marian Lens



Inspirada pelo movimento homossexual da Holanda, ela criou o Centro Cultural Belga (CCB) de acordo com o modelo do Centro de Cultura e Lazer (COC), criado após a segunda guerra mundial (LENS, 2009; BORGHS, 2016). Suzan De Pues (1998) se viu obrigada a deixá-lo um ano mais tarde, por conta de conflitos políticos sobre os objetivos da associação que culminaram num episódio de misoginia, no qual ela foi humilhada por um homem homossexual do grupo que não queria receber ordens de uma mulher (DE PUES, 1998; LENS, 2009; BORGHS, 2016). Eis as palavras da fundadora, três décadas mais tarde: "Uma mulher sozinha dirigindo a organização, a misoginia fez, rápido, sua aparição e esses senhores deram um jeito de me cansar com sua conversa fiada com sentido único. Surgiu a luta pelo poder" (DE PUES, 1998, p. 4).

Uma história similar se reproduziu na França, na Frente Homossexual de Ação Revolucionária (FHAR) nos anos 1970: "fundado por mulheres, viu pouco a pouco, os homens tomarem o poder e as mulheres o deixarem para fundar o Lésbicas Vermelhas" (KAUFER, 2016, p. 27). Ao mesmo tempo, as lésbicas engajadas também nas lutas feministas viveram discriminações ligadas à lesbofobia do contexto militante e à homofobia da sociedade em geral. Por exemplo, "as mulheres lésbicas podiam participar no encontro anual A Jornada das Mulheres (jornada feminista flamenga anual), mas pediam para elas que ficassem em segundo plano" para não serem muito visíveis (BORGHS, 2016, p. 34). As feministas já eram acusadas de detestar os homens, e muitas dentre elas tinha medo de uma presença visível das lésbicas, ou seja, as mulheres que não reproduziam uma imagem de feminilidade reconfortante, poderiam reforçar essa ideia, segundo elas, negativa do movimento. Como observa também Adler e Brenner (1992, p. 33), para o movimento nos Estados Unidos: "Lésbicas se organizam como lésbicas, assim como homens gays se organizam como homens gays. Mas lésbicas também se organizam como mulheres oprimidas. As suas políticas e cultura refletem essa dupla visão". Em meio aos dois movimentos, as lésbicas irão se juntar para exigir visibilidade no seio do movimento feminista, nomeadamente aquele para o qual elas contribuem fortemente:

No cruzamento das lutas das mulheres e dos movimentos homossexuais, as lésbicas permaneciam invisibilizadas, mesmo estando na vanguarda de numerosos combates (incluindo os que não as concernem diretamente, como a despenalização do aborto) (KAUFER, 2016, p. 27).

A partir do final dos anos 1970, os grupos especificamente lésbicos surgiram. Em 1978, uma coordenação de vários grupos lésbicos criou em Flandres a Cocolev (Comitê de Coordenação de Lésbicas; 1978 - 1981); elas criaram uma brochura que se difundiu entre a Jornada das Mulheres, a jornada feminista. Menos de dez anos mais tarde, o Lesbies Doe Front é criado para aí exigir mais espaço, porém em razão da fragilidade das concessões obtidas, elas decidiram logo após, em 1986, lançar um evento não-misto, a Lesbiennedag⁴: "Essa grande jornada de encontro lésbico anual não-misto permanece até os dias de hoje como o maior evento lésbico na Bélgica, nomeadamente para todos os grupos lésbicos flamengos" (LENS, 2009, p. 16).

Outra ruptura se produziu em 1996, quando a Ministra flamenga pela Igualdade de Oportunidades, Anne Van Asbroeck, apela à criação de um *Inspraakorgaan* (órgão consultivo) com mulheres e um outro com homossexuais a fim de conhecer a situação desses grupos sociais. Os grupos lésbicos, graças a seu passado de cooperação, foram capazes de criar uma coordenação chamada *Lesbotafel* (Mesa lésbica, 1995-1997). No entanto, essa coordenação não será retida nem portanto reconhecida in fine pela ministra como cúpula de consultoria. Por um lado, a ministra dará razão às feministas de excluir as lésbicas do órgão consultivo para mulheres, apesar de uma carta de protesto da *Lesbotafel*. Por outro lado, a ministra também não escolherá a *Lesbotafel* como órgão consultor homossexual, mas dará preferência a algumas personalidades lésbicas somente porque os homens homossexuais não haviam conseguido criar sua própria coordenação" (LENS, 2009, p. 16).

Em razão desses conflitos e desentendimentos, muitas organizações lésbicas irão surgir até os anos 1990 e escolher a autonomia relativamente ao movimento gay e ao feminista, ainda que se mantendo frequentemente em diálogo com ambos. Essas organizações, sobretudo do lado flamengo, têm em comum serem muito dinâmicas: a maioria publica uma revista e dispõem de uma sede. Esses espaços são sociais (acolhimento, encontros, café, festas anuais), culturais (exposições literárias e de artes plásticas) e de lazer. São também trampolins para discussões que levam regularmente a ações políticas, geralmente conduzidas em coordenação com outros grupos lésbicos.

Um dos exemplos disso é a livraria *Artemys*, nascida em 1985 na Calçada de Ixelles, por iniciativa de Marian Lens (2009). *Artemys* era uma livraria que somente oferecia autoras mulheres, e a clientela principal, em um primeiro momento, não sabia necessariamente que a livraria era uma livraria lésbica. Economicamente tratava-se de uma iniciativa difícil, pois as vendas de livros não eram suficientes para a sobrevivência da loja; foi graças aos cartões postais sobretudo e, especialmente, às vendas anuais na França por meio das redes de militantes lésbicas, que a livraria pode existir e resistir por quase duas décadas.

Ao mesmo tempo, *Artemys* foi constituída como uma Associação sem Fins Lucrativos (ASFL) - tornando-se a primeira ASFL explicitamente lésbica da história belga. *Artemys* era um lugar de trocas e de elaboração política, mas também um "centro de crise" para responder aos pedidos de ajuda que vinham de todas as partes, "aos quais nós respondíamos no plano existencial, jurídico e médico, em média 2 horas por dia, num quadro de gratuidade não subvencionada." (LENS, 2012, p.12). Igualmente, a livraria era também espaço de ações políticas:

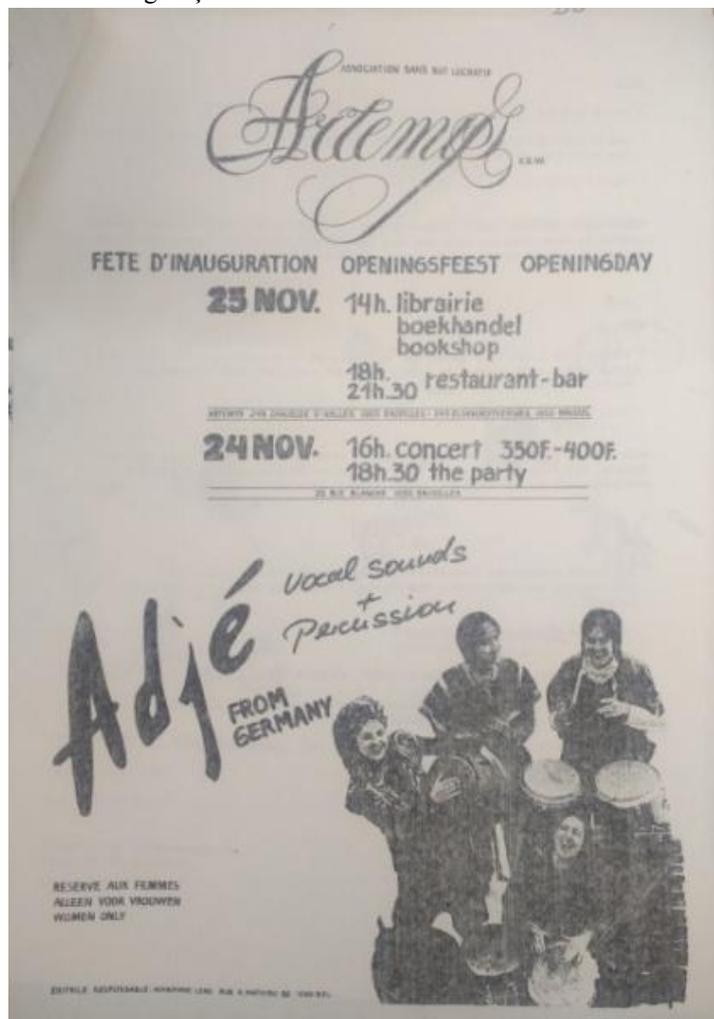
Assistir ou alojar adolescentes nos fazia sempre correr o risco de uma acusação de corrupção de menores. O status jurídico de ASFL permitia à *Artemys* decidir legalmente quais espaços seriam

4 Em 1987, ela será trilingue e coorganizada com *Artemys et Livev*. De 1995 a 1998 *Aksent OpRoze* ou *Atthis* seguirão os últimos anos de organização para a *Lesbies Doe Front*. A *Lesbiennedag* será então retomada por *FWH*, transformada na *Holebi- federatie* (homossexuels, lesbiennes, bisexuel/les), que obterá a subvenção de um orçamento de funcionamento e de um cargo de meio período. Nesses últimos anos um agrupamento de lésbicas, *Folia*, reforça a organização.

reservados 'aos seus membros'. Na livraria, esse espaço se encontrava no andar de cima (LENS, 2012, p.12).

Ali também eram organizados encontros e eventos explicitamente 'reservados às mulheres', como se pode ver na Figura 3 e na Figura 5.

Figura 3 - Primeiro número da revista Artemys que convida à festa de inauguração da livraria



Fonte: Biblioteca Real.

Esse florescimento de associações e de iniciativas cessou com o fim do século; somente poucos grupos serão constituídos após o ano 2000, mais restritos em tamanho e nos seus objetivos (cultural ou de suporte logístico a um evento), nomeadamente Fuchsia (2002 em Bruxelas) e Folia (em Gante).

Entretanto, desde os anos 1990, com a difusão da internet, espaços virtuais de encontro se desenvolveram. Um exemplo é o *Les Lézardes*, uma "rede social e cultural lésbica francófona para encontrar mulheres, comunicar, conversar e participar de saídas na sua região ou em outras"⁵. Seguindo o modelo do *Grindr*⁶, os aplicativos para mulheres como *Wapa* ou para mais orientações sexuais (*Tinder* ou *OK Cupid*) surgiram e são cada vez mais utilizados para procura de parceiras/os – a título ocasional ou não – mas também para entrar em uma rede feita de códigos, de conhecimentos e de referências nem sempre explícitas, frequentemente a desvendar.

O L-Tour, uma Viagem Lésbica no Tempo e no Espaço de uma Cidade

“A escala da cidade como um local crucial de poder e resistência”.
(BACCHETTA, EL-TAYEB, HARITAWORN, 2015, p. 770)

O que significa um *L-Tour*? *L-tour* é uma associação lésbica (por isso o L) que organiza percursos que atravessam a geografia e a história de lésbicas, homossexuais, bissexuais, trans, queer, intersexuais e outras identidades (LGBTQI+), que acontece na cidade de Bruxelas, frequentemente a pé, mas também em ônibus ou em bicicleta. O primeiro percurso começou em 2013 (LENS, 2017). Desde então, a associação *L-tour* oferece regularmente a possibilidade de descobrir ou redescobrir o espaço urbano através de dois tipos de percurso: há uma abordagem de Bruxelas especificamente lésbica ou a possibilidade de descobrir a cidade através de lentes arco-íris, o que significa o mais inclusivo possível de todas as categorias do acrônimo LGBTQI+. Os percursos são realizados por vezes para um público particular – à demanda de uma associação ou de uma comunidade, por exemplo – ou para um público geral, nomeadamente por ocasião da Beldian Pride, anualmente em maio. Seu caminho permite visibilizar as comunidades minorizadas, lésbicas em particular, que continuam ocultas atualmente (LENS, 2017, p. 12).

Figura 4 - Mont-des-Arts durante um *L-Tour* – Maio 2017



Fonte: FOTO DE CECILIA NESSI

5 Disponível em: <https://www.lezardes.com/>. Acesso em: 13 jan. 2018.

6 Grindr nasceu em 2009 no Estado Unidos da América como um aplicativo de encontro para homens homossexuais e bissexuais. Ele se difundiu rapidamente na Europa e atualmente está presente na maioria dos países do mundo.

Os percursos do *L-Tour* podem partir do – e passam sempre pelo – *Mont-des-Arts*, uma colina que domina o centro da cidade, onde em 1976 milhares de mulheres se encontraram de 4 a 8 de março na ocasião do Tribunal Internacional de Crimes contra as Mulheres: "O objetivo é denunciar os 'crimes' dos quais as mulheres são vítimas em todo o mundo" (DENIS; VAN ROKEGHEM, 1992, p. 199). Foi um grande encontro internacional para falar de "maternidade forçada, crimes médicos e psiquiátricos, trabalho doméstico não pago e trabalho assalariado, opressão das mulheres de minorias raciais, violência contra as mulheres e mulheres encarceradas"⁷. Estiveram presentes mulheres vindas de 29 países diferentes, majoritariamente ocidentais; uma mensagem de Simone de Beauvoir abriu a reunião. Nesse contexto, as lésbicas estavam presentes entre as feministas no novo Front Lesbien Internacional e apresentaram suas teorias radicais a propósito da heterossexualidade obrigatória e a perseguição das lésbicas:

O lesbianismo como estratégia feminista foi apresentado com eloquência. O grupo de trabalho declarou: "A falocracia, a dominação do macho, torna possível esses crimes contra as mulheres. [...] Ser lésbica significa que você se recusa a ter que fazer [sexo] com homens, e isso vai atacar o sistema capitalista e patriarcal nas suas raízes [...]". Um número impressionante de lésbicas demonstra sua coragem se manifestando publicamente. Elas projetam uma rede internacional lésbica. Os participantes do Tribunal ficaram emocionados com seu argumento e bravura. (HORTON, 1976, p. 85).

De fato, ser lésbica, à época, não era fácil; uma grande parte da vida homossexual se passava às escondidas e muitas pessoas, como Suzan De Pues (1998), também conhecida como Suzan Daniel⁸, utilizavam pseudônimos:

Naquela época, a vida privada e social era cheia de armadilhas. Era duro se assumir. Muitas de nós viviam num circuito fechado, frequentemente solitárias. Nós usávamos, quase todos e todas, uma máscara para passar despercebidas/os. A mentira fazia parte de nossa vida cotidiana; isso não era engraçado! (DE PUES, 1998, p. 4).

Caminhando entre histórias públicas e privadas, o *L-tour* dá lugar também às fofocas. Como afirma Marc Siegel (2016) ao estudar a circulação das imagens consideradas queer no cinema, as 'fofocas' têm um papel importante na formação das identidades queer: "Fofoca, eu argumento, não é somente um meio de comunicação oral, mas antes uma lógica especulativa de pensamento apropriada para o cinema e central para a construção da identidade e intimidade contra públicos queer" (SIEGEL, 2016, p. 196). Segundo Siegel, o fato da pessoa ou situação em questão ser realmente gay ou lésbica não tem importância: "a possibilidade que isso possa existir é uma confirmação suficiente de que nós podemos também existir" (SIEGEL, 2016, p. 196).

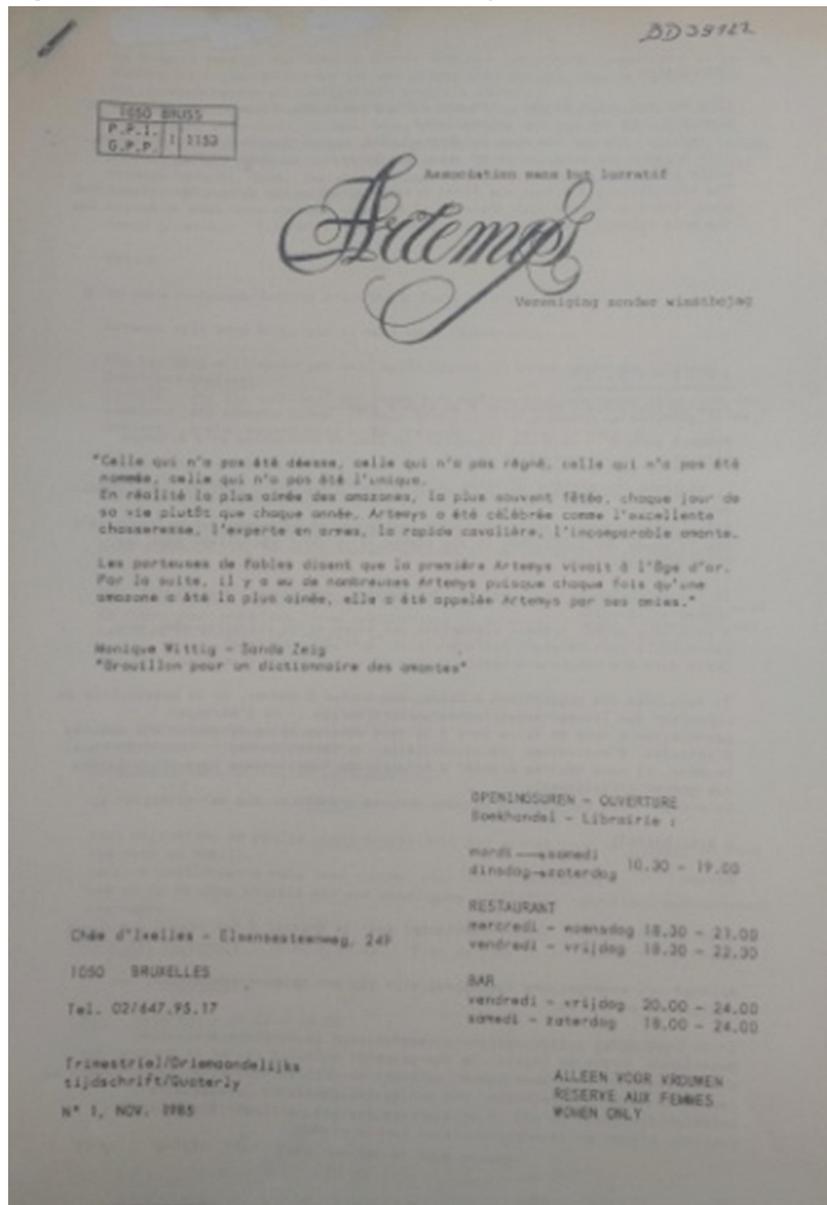
É por essa razão que se faz uma paragem na frente da Biblioteca Real

7 Disponível em: <http://www.sos-sexisme.org/infos/tribunal.htm>. Acesso em: 13 jan. 2018.

8 Homenagem à Daniel Darrieux, atriz francesa.

Albert I, onde uma estátua do rei impera e domina a cidade enquanto que na frente encontramos uma outra, discreta, da rainha Elisabeth. O grupo está aos pés da escadaria que, do Monte das Artes, desce em direção ao centro. Conta-se que essa terceira rainha da Bélgica era bissexual e muito próxima de Eleanor Roosevelt. E a propósito de fofocas, parecia praticamente certo que uma lésbica devia estar na Biblioteca Real, logo ali ao lado, durante os anos 1980-1990, onde são conservadas todas as publicações feitas na Bélgica, – afinal, os números da revista Artemys foram solicitados pelo correio e ali arquivados. O que se mostrou totalmente verdade, pois Denise de Weerd, uma das co-fundadoras do Fundo Suzan Daniel⁹, era de fato a responsável pela Biblioteca.

Figura 5 - Primeiro número da revista Artemys



Fonte: Biblioteca Real.

9 O Fundo Suzan Daniel é um "arquivo e centro de documentação homo/lésbico" criado em Gante em 1996. Disponível em: <https://bit.ly/2QN1AYB>. Acesso em: 26 fev. 2018.

Eis que histórias de personalidades célebres como Irmã Sourire ou Marguerite Yourcenar têm toda sua importância. Irmã Sourire é o nome artístico de Jeanine Deckers, nascida em Bruxelas em 1933, freira dominicana conhecida no exterior como a Freira Cantora¹⁰ graças a música Dominique. Ela abandonou as ordens religiosas para se lançar na carreira musical mas, obrigada a utilizar outro nome, acaba por não manter o sucesso. Ela se suicidou com sua companheira Annie Pécher em 1985. Marian Lens conta durante o *L-tour* que não obstante, ela jamais se declarou abertamente homossexual, "eu soube que Irmã Sourire era lésbica e que se tinha dirigido a *Infor-Homosexualité* que estava situado mais abaixo [da livraria Artemys] na calçada" (LENS, 2017, p.14). Por outro lado, a escritora e poeta Marguerite Yourcenar¹¹ que nasceu 30 anos mais cedo na Avenida Louise, teve muito mais sucesso. A ela foram consagradas estrelas no Sablon, no centro, e também um centro de documentação, o Centro Internacional de Documentação Marguerite Yourcenar (CIDMY). É sensacional dizer que a primeira mulher a entrar na Academia Francesa em 1980 era lésbica – ou bissexual, segundo o CIDMY.

Do Monte das Artes nós decemos para a elegante Galeria Bortier, parando na frente das livrarias: é aqui que a livraria Artemys oferecia seus livros escritos por lésbicas e mulheres até 2002. O *L-tour* continua até o centro da cidade, na Galeria Real Saint-Hubert. Atualmente centro de compras de luxo, era no século XIX "uma ruela de baixa reputação com sua fauna particular" (LENS, 2017, p. 14). Nos anos 1970 e 1980, os bares lésbico e homossexual eram ali clandestinos, visíveis somente àquelas e àqueles que conheciam o endereço preciso e o número do interfone; era necessário escrever seu sobrenome e endereço em um registro e as pessoas com mais experiência preveniam as principiantes de os inventar. É dentro dessa galeria que uma parte do filme de temática trans A Garota Dinamarquesa foi filmado recentemente.

Figura 6 - Marian Lens na frente da RainbowHouse ao fina de um *L-Tour* – Maio 2017



Fonte: FOTO DE CECILIA NESSI

10 Dois filmes foram dedicados a ela, em 1966 e em 2009. Para saber mais: <https://bit.ly/2B9OqLk>.

11 Nascida em 1903 sob o nome de Marguerite Antoinette Jeanne Marie Ghislaine Cleenewerck de Crayencour, ela utiliza desde suas primeiras publicações um pseudônimo, Yourcenar, anagrama de Crayencour. Ela é mundialmente conhecida pelos romances *Mémoires d'Hadrien* (1951) e *Oeuvre au noir* (1968).

A Precariedade dos Espaços de Hoje: Um Destino Inevitável em um Mundo Fundamentalmente Inalterado?

L-tour termina na *RainbowHouse*, com um drink. O círculo está completo, passado e presente se reencontram aqui, nessa casa estreita de três pavimentos, no meio da Rue du Marché au Charbon, a 'rua gay', chamada também com um jogo de palavras rua do mercado de/para homens¹² (LA LIBRE BELGIQUE, 2016): à noite, sobretudo durante os fins de semana, o pequeno calçadão se enche de uma multidão heterogênea, embora predominem homens homossexuais cis, e sobretudo brancos.

É aqui que se encontra a Rainbow House – ou Casa do Arco-Íris (CAI) – uma associação-cúpula de Bruxelas que reúne atualmente cerca de sessenta associações LGBTQI+. À noite, é o único endereço da 'gay street' onde se pode encontrar mulheres lésbicas. "O único endereço onde você pode encontrar uma lésbica é na CAI" – nos confia um amigo gay de Bruxelas – "É por isso que a chamamos de O bar lésbico". Ele nos explica que quando se "sai no meio", como homem gay, não se considera ir no bar da CAI como possibilidade de lugar de encontro, embora cada semana de eventos seja proposta por diferentes organizações e para públicos muito variados, como se pode ver na Figura 7.

Figura 7 - Panfleto do programa da *RainbowHouse*, fev. 2018



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

12 Na expressão original em Francês, a expressão usada é "la rue du marche au garçons" num trocadilho com o nome da rua: Rue du Marché au Charbon. [Nota das tradutoras].

Essa escassez de lugares para mulheres, e/ou o reduzido número de mulheres – bem como de outros grupos minoritários – visíveis no meio LGBTQI+ é constatado por muitas lésbicas. No blog Lesbibru se pode ler:

Esse blog nasceu em janeiro de 2011 seguindo uma constatação: as mulheres nem sempre sabem onde encontrar outras mulheres em nossa capital. No bar, as turistas me perguntavam com frequência "mas onde estão as lésbicas em Bruxelas?". Uma pena para a capital da Europa, não? ¹³.

Nesse blog fornecem-se orientações sobre "atividades, festas, eventos lésbicos ou frequentados por lésbicas", e esse panfleto (acima) não é o único: uma versão inglesa existe sob o nome de *SillyLilly – Brussels for Lesbians*¹⁴. Além disso, essa constatação não é exclusiva de Bruxelas ou da Bélgica. Num relatório recentemente publicado sobre os lugares da vida noturna LGBTQI de Londres, as/os autoras/es assinalam:

Um declínio significativo em locais, em oposição a noites dedicadas, para mulheres (queer, bi, lesbian, trans, cis etc.) em Londres, Manchester e Bristol. [...] homens gays frequentemente superam pessoas de outros gêneros e sexualidades; e como há uma falta de espaços e lugares para pessoas LGBTQI BAME (negros, asiáticos, minoria étnica, Nda]/queer, trans, intersex, Pessoas de Cor (CAMPKIN et al, 2016, p. 25).

Então, onde estão as lésbicas? Embora uma Lesbiennedag (jornada lésbica) como a flamenga não exista em Bruxelas, ainda há encontros anuais como o L-Festival (festival lésbico inclusivo), Elles Tournent (festival de filmes realizados por mulheres) ou Pink Screen (festiva de cinema queer). No cotidiano, pelo contrário, em 2018 não existem bares explicitamente lésbicos ou para lésbicas em Bruxelas. A razão evocada com mais frequência no discurso é econômica: as lésbicas – ou as mulheres? – não são consideradas uma clientela interessante a explorar. Se os homens ganham mais dinheiro, é bastante coerente dentro de uma lógica puramente comercial que existam mais locais para eles.

Contudo, duas experiências recentes contradizem essa ideia. Em dezembro de 2017, no quadro de uma série de eventos chamados 'The future is feminist', um bar lésbico – Mothers & Daughters – foi proposto para três sextas-feiras consecutivas no Beursshouburg, centro cultural biligue de Bluxelas, situado em pleno centro da cidade. Podemos ler na descrição do evento online:

Nas últimas três sextas-feiras de 2017, a equipe da revista de arte queer *Girls Like Us* está assumindo o café Beursshouburg e transformando-o em um bar lésbico. Um terceiro espaço. Um espaço lésbico. Um espaço mais seguro. Gerido por lésbicas para lésbicas e suas amigas. Sem seus garçons habituais, sem seu menu habitual, sem sua economia habitual, sem seu programa habitual, sem sua decoração habitual e definitivamente sem sua noite habitual. Um aceno para uma geração anterior, que definiu a cultura lésbica, e uma homenagem aos

13 Disponível em: <https://bit.ly/2LdjSwV>. Acesso em: 24 fev. 2018.

14 Disponível em: <https://www.sillylilly.net/>. Acesso em: 13 jan. 2018.

preciosos bares lésbicos em todos os lugares, Mothers & Daughters é um espaço para celebração e atividades de outro mundo e encontros, no centro da cidade¹⁵.

Esta proposta foi um sucesso, com 1185 pessoas interessadas pelo evento no facebook e a sala cheia até as 3h da madrugada, no momento de fechar. Por iniciativa das autoridades de Bruxelas, as organizadoras fizeram uma nova proposta do evento dentro da Parada da diversidade belga, agora na forma de um bar lésbico efêmero, aberto entre maio e junho de 2018 no centro da cidade. Para a sua realização, as organizadoras obtiveram suporte financeiro de instituições, angariando um valor de 15.000 euros, mas também da comunidade LGBTQI+, através de um crowdfunding que arrecadou 5.000 euros (VANDAELE; VAN ROYEN, 2018). Elas também lançaram um chamado para participação ativa no trabalho de renovação do espaço que alcançou amplo sucesso e entusiasmo. Esta iniciativa foi um sucesso: aberto de quarta-feira até domingo, ele funciona muito bem como lugar de organização de variadas atividades já presentes no território, desde o L-tour até as atividades em apoio ao festival queer la Barloca, para citar apenas dois exemplos. O bar funcionou com um duplo sistema de preço-menu que representa simbolicamente e materialmente a diferença de 30% entre o salário de homens e mulheres. A clientela, especialmente aquela masculina e/ou privilegiada, é convidada a escolher o menu levando em consideração sua posição em um sistema de privilégios e de opressões: como se pode ler no site de Mothers&Daughters: "Se você tem uma posição de privilégio, isso significa que seu salário e seu acesso a oportunidades e trabalho documentado são positivamente afetados pelo seu gênero, sexualidade e/ou etnicidade, então escolha o menu B" (VANDAELE; VAN ROYEN, 2018, s.p.). Da mesma forma, outras ferramentas são fornecidas no bar para descrever as regras de um espaço que se deseja um espaço lésbico: uma carta do/a aliado/aliada (figura 8) fica disponível no bar, e nela se explica o que se espera daqueles que entram em um espaço lésbico inclusivo enquanto aliado/aliada.

A segunda experiência que dá corpo a um bar lésbico é a do Esquenta lésbico de Madame Charvet, um esquenta lésbico itinerante, lançado no outono de 2017 e que em fevereiro de 2018 teve sua oitava edição. Como explica Madame Charvet, sua inventora, a ideia é muito simples:

Boas notícias, há um bar lésbico que abre em Bruxelas esta quinta 22 de fevereiro! Não, estou brincando :). Eu lhes proponho investir em um bar da vizinhança, para que ele se torne O bar lésbico durante o tempo de um esquenta. As únicas diferenças com um verdadeiro bar lésbico é que o patrão não é uma patroa e que ele não sabe o que está acontecendo. Passe a informação para sua tripulação¹⁶. (Entrevista realizada com Madame Charvet).

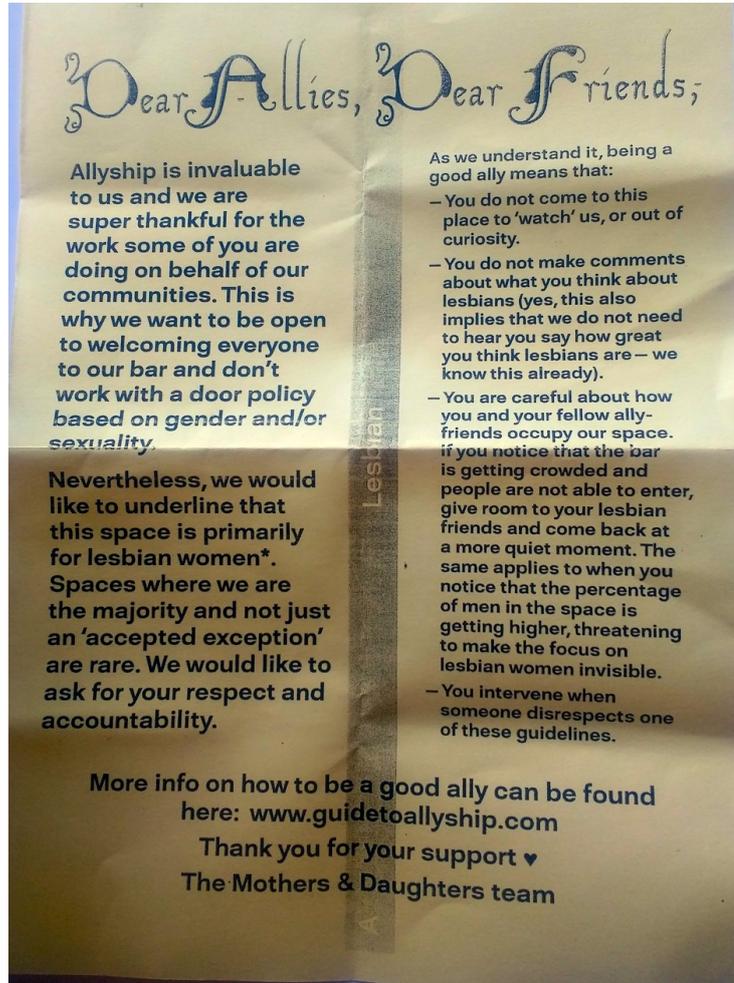
O Esquenta se difunde, ganha sucesso e permite descobrir novos bares num

15 Disponível em: <https://bit.ly/2GbaaMF>. Acesso em: 20 fev. 2018.

16 Disponível em: <https://www.facebook.com/madamecharvet/>. Acesso em: 25 fev. 2018.

ambiente queerizado pela presença massiva de corpos de mulheres com expressões de gênero nem sempre obedientes. O objetivo, segundo a organizadora, é criar um lugar que não existe, a não ser temporariamente; ao mesmo tempo, o sucesso dessa iniciativa demonstra que as lésbicas podem ser consideradas como clientela confiável, e assim as razões da ausência de espaços dedicados a elas não são somente econômicas.

Figura 8: Guia de aliado/a do bar Mother&Daughter-



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Considerações Finais

O arquivo não é simplesmente um repositório; ele é também uma teoria da relevância cultural, uma construção da memória coletiva e um registro complexo da atividade queer.
(HALBERSTAM, 2005, p.169-170)

Atravessando a história e a geografia de uma Bruxelas lésbica, pudemos constatar que existem continuidades e rupturas. Para usar as palavras de Marian, trata-se de "uma história irregular". De um lado, como demonstra o percurso do L-Tour, os lugares de saída e as modalidades de encontro e de

troca de informação mudaram: os cadernos de endereço e as revistas de ontem se transformaram nos blogs, redes sociais e newsletter de hoje. Todavia, continuam se verificando questões similares: a precariedade de lugares de encontro e a questão da falta de visibilidade continuam atuais.

O objetivo do *L-Tour* é visibilizar, através do seu percurso, tudo aquilo que nós – lésbicas de ontem e de hoje – realizamos na cidade, lembrar nossa presença e nossa ocupação deste território frente a uma 'negligência institucional' da história gay e lésbica (CVEKTOVICH, 2003, p. 20). Assim, por meio deste artigo, nós queríamos "recolher os fragmentos de histórias feitas por lésbicas em vez de recolher a história do que aconteceu com as lésbicas"¹⁷ levando em conta, portanto, uma subjetividade ativa e criativa ao mesmo tempo em que apontamos estruturas de desigualdade que persistem e que limitam a expressão ou visibilidade. Por meio deste trabalho de arquivo, desejamos contribuir em parte com a construção de uma memória coletiva que "necessita de usuários/as intérpretes e historiadores/as culturais" (HALBERSTAM, 2005, p. 169) para sabermos de onde nós viemos, onde nós estamos e para onde nós queremos ir coletivamente. E, por fim, desejamos multiplicar nossas vozes, num espaço heterogêneo e polifônico onde seja mais fácil encontrar nossas raízes.

Referências

ADLER, S.; BRENNER, J. Gender and Space: Lesbians and Gay Men in the City. **International Journal of Urban and Regional Research**, n. 16, p. 24–34. 1992.

BACCHETTA, P. ; EL-TAYEB, F. ; HARITAWORN, J. 2015. Queer of Color Formations and Translocal Spaces in Europe. **Environment and Planning D: Society and Space**. v. 33, n. 5, p. 769–778. 2015.

BORGHS, P. The Gay and Lesbian Movement in Belgium from the 1950s to the Present. **QED: A Journal in GLBTQ Worldmaking**, n. 3, p. 29-70. 2016.

CAMPKIN, B.; MARSHALL, Laura. **LGBTQI Nightlife in London, from 1986 to the Present**. London: Urban Laboratory/London University College, 2016.

CVETKOVICH, Ann. **An Archive of Feelings: Trauma, Sexuality and Lesbian Public Cultures**. Durhan & Londres: Duke University Press, 2003.

DE PUES, S. Une Succession Tardive. **La Notion Insupportable - Het Ondaaglijk Besef**, n. 0, p. 4-5. 1998.

17 No original: "[...] to gather fragments of histories made by lesbians rather than history that happened to lesbians". Disponível em: <<http://www.mothersanddaughters.be/>>. Faz parte da descrição do BAL, o Almanaque lésbico de Bruxelas (♥), uma exposição permanente no bar efêmero que recolhe fragmentos de arquivos públicos e privados.

DENIS, M.; VAN ROKEGHEM, S. **Le féminisme est dans la rue: Belgique 1970-1975**. Bruxelles: Politique & Histoire, 1992.

EECKHOUT, B.; PATERNOTTE, D. A Paradise for LGBT Rights? The Paradox of Belgium. **Journal of Homosexuality**, n. 58, p. 1058–1084. 2011.

GARBAGNOLI, S.; PREARO, M. **La Croisade Anti-Genre: Du Vatican Aux Manifs Pour Tous**. Petite Encyclopedie Critique. Paris: Textuel, 2017.

HALBERSTAM, J. **In a Queer Time and Place: Transgender Bodies, Subcultural Lives**. New York: New York University Press, 2005.

HORTON, L. Introduction: Le Tribunal International des Crimes contre les Femmes. **Les Cahiers du GRIF**, n.14, p. 83–86. 1976.

JD SAMSON. **The Life and Times of Butch Dykes**. Issue 2, v. 1, B&D Press. 2009.

KAUFER, I. Les lesbiennes, au carrefour entre luttes des femmes et des LGBT+. **La Notion Insupportable = Het Ondraaglijk Besef**, v. 22, p.27–29, 2016.

LAFLEUR, J.-M.; MARFOUK, A.. **Pourquoi L'immigration? 21 questions que se posent les Belges sur les migrations internationales au XXIe siècle**. Louvain-La-Neuve: L' Harmattan, 2017.

LENS, M. Evolution Historique Du Mouvement Lesbien En Flandre À Partir Des Années 1970. **Chronique Féministe - 'Féminismes et Lesbianismes'**, Université des Femmes, n. ciii–civ, p. 15–19. 2009.

_____. Artemys. **La Notion Insupportable = Het Ondraaglijk Besef**, v. 18, p.11–13, 2012.

_____. L-Tour. **La Notion Insupportable = Het Ondraaglijk Besef**, v. 23, p.12–17, 2017.

RICH, A. Notes towards a politics of location. In: _____. **Blood, Bread and Poetry: Selected Prose 1979-85**. London, Virago, 1987. p. 210-231.

RTBF. **La belgian pride a 20 ans**. Petite histoire de cette manifestation. Disponível em: <https://bit.ly/2GfedHM>. Acesso em: 13 de novembro 2017.

SIEGEL, M. The Secret Life of Images. In: HGENER, M.; STROHMAIER, A. (org.). **The State of Post-Cinema: Tracing the Moving Image in the Age of Digital Dissemination**. London: Palgrave Macmillan, 2016. p. 195–210.

STEIN, G. **The Life and Times of Butch Dykes**. Issue 2, Vol 1, B&D Press.

L-Tour, L-Town? Uma Viagem aos Lugares Lésbicos de Bruxelas

2009.

VANDAELE, J; VAN ROYEN, L. Mothers & Daughters, lesbocafé met een mening. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2L85THe>>.

Recebido em 09 de Março de 2018.

Aceito em 23 de Julho de 2018.

Cecilia Nessi, Marian Lens

172